

# ILUSTRACÃO

## POPULAR

### CHRONICA SEMANAL

REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETRAS

PROPRIETARIO — HUMBERTO S. PINTO

CORRESPONDENCIA À LIVRARIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222 — LISBOA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 1 \$000 RÉIS — CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 1.º LISBOA, 18 DE DEZEMBRO DE 1884 NUMERO 25

### CHRONICA DA SEMANA

SUMMARYO — A sessão real da abertura das côrtes —  
Republicas — Falta de policia.

**F**INALMENTE estão abertas as côrtes constituintes e vae começar a discussão das reformas politicas.

A sessão da abertura foi muito concorrida e observaram-se n'ella as formalidades do estylo, que nos dispensamos de mencionar, porque trouxemos d'alli uma unica impressão, a impressão desagradavel da pobreza de decorações e do aspecto de miseria, que offerece a sala do parlamento nacional.

Não conhecemos nada mais pelintra do que tudo aquillo, desde as passadeiras da escada, até ás alcatifas dos corredores, que dão ingresso para a sala das sessões, onde mais sensivel se torna o desconforto, onde mais avulta a pobreza e onde se manifesta a miseria nas desbotadas sedas do docel e das cortinas.

Entre o luxo e a indigencia ha o meio termo do acceo e esse meio termo é o que nós reclamamos em nome do decoro nacional e em nome da significação da palavra — parlamento — e em nome dos actos solemnes, que alli se praticam, tão solemnes, que exigem exterioridades, que imponham o respeito que se deve ao sanctuario das leis.

É necessario reformar aquillo tudo. Vão reformar-se alguns artigos da carta, reforme-se tambem a sala das sessões, reforme-se o edificio



FUZILEIRO ABYSSINIO

interiormente e se não podêmos dispender o necessario para termos um edificio como o da camara dos pares, ao menos façam-se as obras indispensaveis para que fique decente e decoroso.

Não somos exigentes, pedimos apenas o quanto baste para nos livrar da vergonha, que devemos sentir, quando qualquer estangeiro appareça nas tribunas para assistir a uma secção parlamentar.

A economia não pôde ir tão longe que nos obrigue a parecer ridiculos.

×

*Republicas!* É um nome de baptismo litterario e politico, que nos agrada, quando a fé do neophito é garantida por um padrinho que se chama Thomaz Ribeiro.

É um semanario de combate, que escolheu o ponto arriscado entre as alas aguerridas dos inimigos da liberdade e da monarchia, em que jurou bandeiras o denodado campeão, com aprazimento dos proprios inimigos, que sabem ter n'elle adversario tão leal como esforçado.

Saudamos com prazer o aparecimento das *Republicas*, porque temos a certeza de que o seu sympatico programma politico hade ser religiosamente cumprido e de que nunca as paixões partidarias perturbarão a tranquillidade d'alma do illustre publicista, que o dictou, o qual na sua vida publica tem dado sobejas provas da sua illustração e magnanimidade.

Sob o ponto de vista litterario esta publicação não tem adversarios, tem só admiradores; não tem quem lhe dispute primazias, só tem quem lhe reconheça os meritos; não tem quem queira usurpar-lhe a gloria, porque todos adoram o prosador das *Jornadas*, todos respeitam o cantor do *D. Jayme*.

O primeiro numero é um primor. Lê-se de um folego e fica-se com pena de não ser extenso, de não ser um grande volume o excellente hebdomadario, em que collaboram os mais distinctos escriptores do paiz.

Bem vindo, pois.

×

Lisbõa está outra vez invadida pela praga das *borboletas* nocturnas.

São enxames d'ellas por essas ruas e perseguem os que passam com uma tenacidade, que incommoda.

Na rua dos Douradores, por exemplo, é um perigo arriscar-se qualquer a transpôr o quarteirão, que medeia entre a travessa da Assumpção e a de St.ª Justa.

É uma aluvião de *noctivagas*, que cahem sobre o desgraçado transeunte, que não consegue com facilidade livrar-se d'ellas.

Pedimos á policia providencias contra o facto e pedimol-as em nome da moralidade e da decencia.

Não se pôde consentir uma desvergonha d'esta ordem, nem se comprehende, como no centro mais populoso e concorrido da capital se toleram os escandalos, que se praticam com uma desfaçatez, que vexa os que os presenciavam e desautorisa a policia, que os não cohibe.

O sr. governador civil e os dignos commissarios de policia de certo ignoram isso; mas é necessario que o saibam para providenciarem, como lhes cumpre, porque é intoleravel o abuso, com que aquellas desgraçadas se dirigem a quem passa, se reúnem em grupos, que estacionam nos portaes e nos passeios, e convertem a baixa em burgo de toleradas.



## DESCRIPÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

A NOSSA primeira gravura representa um *fuzileiro abyssinio*.

A maior parte dos auctores collocam os *abyssinios* na raça branca e na familia semitica.

Esta opinião é fundamentada, apesar de que a raça abyssinia actual é um producto do cruzamento de duas raças, que segundo o doutor Ruppel constituem dois typos principaes—o arabe e o negro. Os abyssinios pertencentes ao primeiro grupo (o arabe) possuem bellas fôrmas e nas feições e na expressão da physionomia parecem-se com os Beduinos. Rosto oval, nariz delgado e bem contornado, bocca graciosa com labios finos, olhos vivos, dentes formosos e cabellos um pouco frizados, e uma estatura bem proporcionada são os caracteres distinctivos que caracterisam os habitantes das elevadas montanhas de Samen e dos valles que cercam o lago Tezana.

Os abyssinios do segundo grupo distinguem-se pelo nariz menos afilado, pelos olhos rasgados lateralmente e pouco animados, pelos cabellos muito encarapinhados, quasi lanosos e por tal modo espessos que se mantem levantados na cabeça.

Este grupo habita a provincia de Hamasem e outras regiões visinhas da fronteira austral da Abyssinia.

O exercito abyssinio eleva-se a quarenta mil homens, divididos em diferentes armas.

A nossa gravura representa um fuzileiro.

×

A nossa segunda gravura representa um salão de uma casa da Armenia.

A Armenia é um paiz privilegiado, não só pelas suas condições climatericas, como pela fertilidade do seu solo.

Os cereaes, os vinhos, as fructas, o tabaco e o algodão dão abundantes colheitas.

Nas montanhas encontram-se jazigos de ouro, de prata, de cobre, de ferro e de chumbo, mas estes jazigos têm sido pouco explorados. Os cavallos da Armenia passam por ser os melhores da Asia Occidental. A cochonilha, producto importante d'estas regiões, vive em grande quantidade ao pé do monte Ararat. N'este paiz ha excellente maná e a flora armenia é rica em variedades.

O caracter dos povos da Armenia é affavel, hospitaleiro, grave e intelligente e na maior parte vivem com invejaveis commodidades e meios de conforto appeteciveis.

×

A nossa terceira gravura apresenta uma tenda de arabes nomadas.

Os arabes distinguem-se pelo perfil alongado, pelo nariz aquilino, pela linha das maxillas um pouco reentrante, pela bocca pequena, pelos dentes bem dispostos, pelos olhos um pouco cavados, pela elegancia das fórmãs, pelo apurado dos sentidos, pela intelligencia brilhante e pelos sentimentos profundos e perseverantes.

Todos esses caracteres manifestam uma verdadeira e notavel superioridade sobre todas as raças, e o barão Larrey encontrou essa superioridade até na conformação craneana e no desenvolvimento das circumvoluções do cerebro, na consistencia dos nervos, no aspecto da fibra muscular e do tecido osseo, na regularidade e desenvolvimento do coração e do systema arterial.

Os arabes ou vivem em tribus sedentarias, como os cultivadores, ou são nomadas, como os pastores.

Os beduinos, filhos do deserto, são ageis, sobrios, valentes, e apesar de franzinos, supportam com facilidade as fadigas e as privações da sua vida errante.

Os agricultores ou fehles são mais altos e de uma apparencia mais robusta. Os primeiros têm um ar desconfiado e feroz.

×

A nossa ultima gravura representa um joven principe de Siam.

O reino de Siam tem cinco milhões de habitantes.

Os siamezes, segundo os apontamentos de viagem de M. Henri de Mouhot, naturalista francez, conhecem-se sem difficuldade pelo seu andar desleixado e preguiçoso e pela sua physionomia servil.

Têm quasi todos o nariz achatado, as maçãs do rosto salientes, o olhar sem intelligencia, narinas largas, a bocca grande, os labios ensanguentados pelo uso do betel e os dentes negros como o ebano. Usam a cabeça completamente rasgada exceptuando o alto da cabeça, onde deixam crescer uma especie de penacho.

Os cabellos são pretos e asperos.

Os siamezes adoram as joias, e com quanto que brilhem, pouco lhes importa que sejam lisas ou falsas.

O filho do rei anda de tal modo carregado, que o peso das joias é superior ao do corpo.



## CARTEIRA UTIL

**A** LONGEVIDADE depende de causas independentes da vontade do homem e de causas absolutamente subordinadas ao seu livre arbitrio e de umas e outras faremos menção para utilidade dos nossos leitores.

As causas independentes são:

1.º *A boa constituição.* Ella é a base principal sobre que repousa a longevidade; porque ella por si só imprime ao organismo essa força de resistencia vital, que se oppõe á consumpção dos orgãos.

2.º *A harmonia entre todas as funcções organicas,* e principalmente aquellas sobre as quaes repousa a vida, isto é a innervação, a circulação e a respiração e consequentemente o preenchimento regular das outras funcções, por meio das quaes a vida se conserva e se sustenta, como são as funcções nutritivas (digestão e nutrição) e finalmente a regularidade das que conservam a saude, ás quaes se chama funcções depurativas.

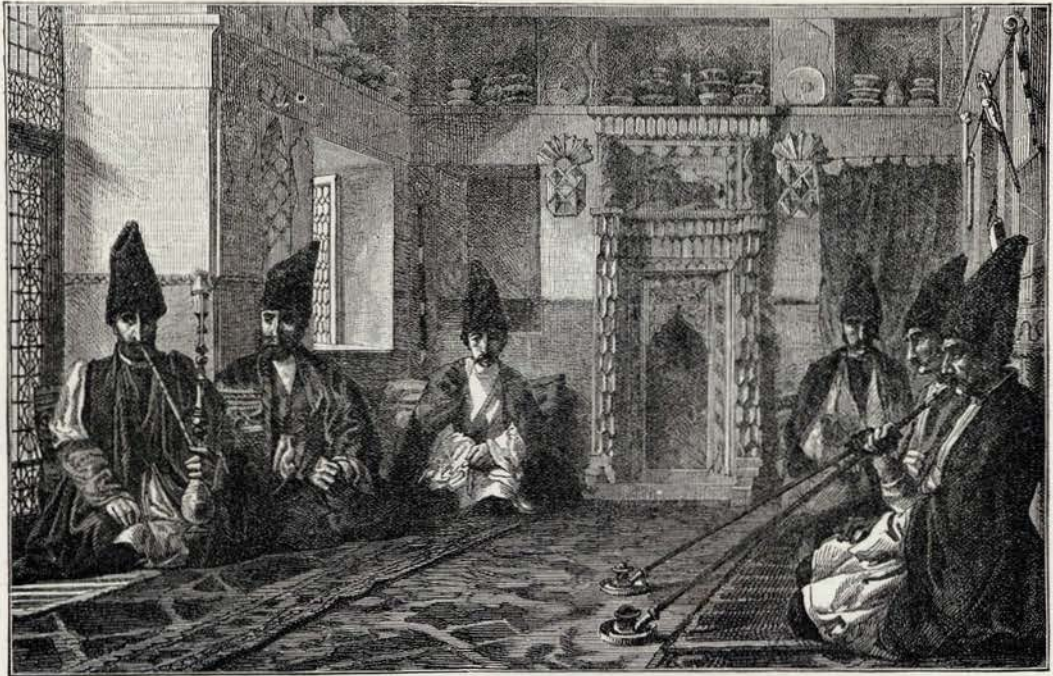
3.º *Regularidade do desenvolvimento phisico.* Está reconhecido que os individuos que crescem lentamente e de uma maneira regular, sem abalos nem crises notaveis de saude, sobre tudo quando a estatura é mediana, nem muito acanhada, nem muito desenvolvida, têm probabilidades de durar mais que os que nasceram

rachíticos ou se desenvolvem extraordinariamente.

A *patria*. Esta circumstancia, que depende em parte da vontade do homem é, em geral, favoravel ou desfavoravel á longevidade; porque o homem não chega a idade avançada nos climas da zona torrida, nem tão pouco na gelida circumfusa dos paizes polares: todavia encontram-se mais velhos nas regiões do norte, do que nas meridionaes, como a Italia e a

desde que o homem subjeita os seus instinctos á razão, conserva a harmonia do phisico e do moral, sobre os quaes repousa a saude, e por tanto a duração da vida.

2.º *O socego do espirito*. E' facil de apreciar a influencia que tẽem na duração da vida a consciencia tranquilla, os costumes puros e as doces emoções da familia; porque tudo isso concorre para desenvolver a actividade das funcções vitaes e irradiar em todo o organismo esse



SALÃO D'UMA CASA NA ARMENIA

Hespanha. Por exemplo no norte da Inglaterra, na Escossia, na Suecia e na Noruega, ha exemplos e numerosos de individuos, que chagaram aos 110 annos e mais.

Entre as causas de longevidade, que dependem absolutamente do homem, mencionaremos as seguintes:

1.º *A harmonia entre o phisico e o moral*. Essa harmonia resulta dos principios de uma boa educação até á puberdade, desde a puberdade até á idade viril e desde a idade viril até á velhice e resume-se no uso regular e conveniente, que o homem faz das duas faculdades essenciaes, que possui, a intelligencia e o senso moral; porque

principio de energia e de força, que sustentam a saude e robustecem a vida.

3.º *O exercicio regular e conveniente das forças e das faculdades*.

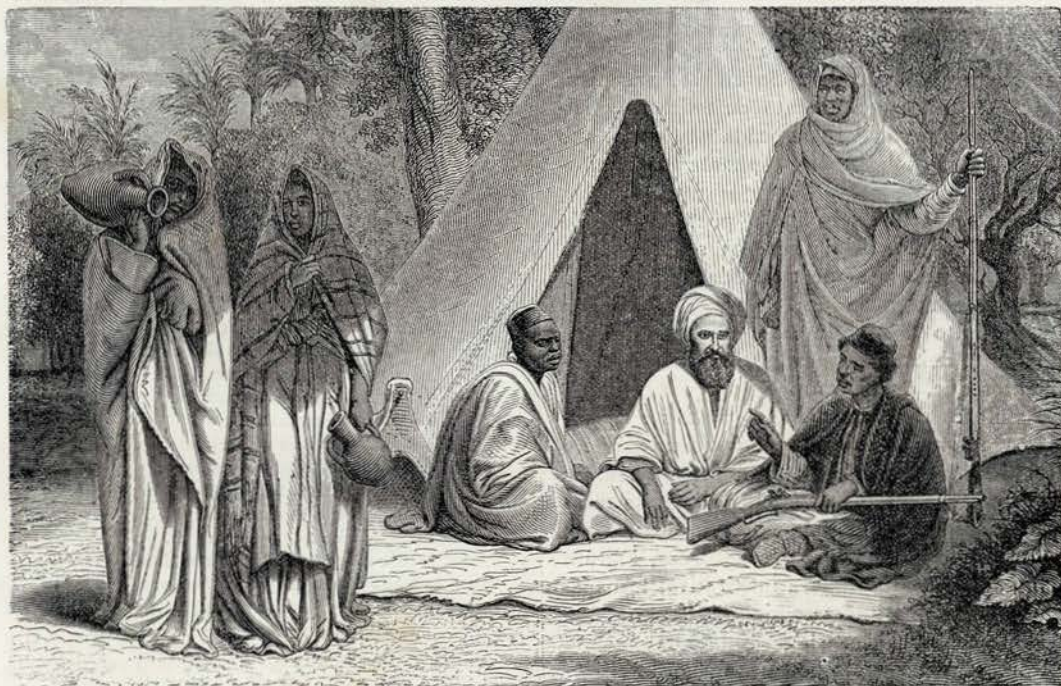
É pelo exercicio das suas funcções organicas que o homem dispde a somma de vitalidade, que recebeu e é facil de provar que o organismo se gasta na porporção da actividade.

É pois necessario regularisar o exercicio das funcções organicas de modo que o organismo se não gaste inutilmente, ou antes de tempo, e só assim podemos chegar a essa idade provecta, a que chegaram nossos avós, os quaes, por uma regularidade de habitos, contrahidos pela educa-

ção e impostos pelo uso do tempo em que viveram, chegaram á senilidade, sem os achaques que que nós contraimos na mocidade, pelos excessos que praticamos e pelas irregularidades de que fazemos norma de vida.

poesia espiritualista, unguidos de caridade evangelica, entretecidos de naturalismo, passa todo um mundo de visões luminosas a desdobrar no azul as brancas azas de cysne.

O seu inspirado e casto lyrismo manifesta-se arrancando-nos ao temperamento eminentemente realista, á plastica tangivel, para nos levar a al-



TENDA D'ARABES NOMADAS

## MINIATURAS

THOMAZ RIBEIRO

**P**ARECE que toda a nossa alma se illumina e reflori na madre silva das suas lucidas primavera, quando relê os poemas de Thomaz Ribeiro.

A vasta imaginação, que tem de posse, trans-luz sempre em suas obras com a opulenta frescura de Rubens.

Nos seus livros reavivam-se extinctas memórias, reaccendem-se, na chamma latente da saudade, a esperança perdida, as illusões desfeitas, a mocidade fugitiva, tudo quanto ha de bom e suavisador.

Ao longo dos seus cantos, repassados de

ma, espontaneamente preza, aos ideaes da esthetica, á methaphysica translucida, aos ethereos platonismos de Miguel Angelo e Dante.

Scintilla nos seus versos, delicadamente lapidados, o bom e alegre devaneo; palpita n'elles uma boa phantazia sonhadora, no azul da qual enxameiam as doiradas chimeras, iriantes, ligeiras como o capricho d'uma meiga adolescente, viçosos como um ramalhete de margaritas, colhidas de madrugada.

Leiamos Thomaz Ribeiro, e esqueceremos Zola, Baudelaire e o pessimista Fitché, ao passo que sentiremos desejos de evocar a theoria de Leopardi n'este mundo extravagante das suas antitheses, coberto de flôres e de ceus profundos e lucilantes.

Effectivamente, cada volume que nos trans-

mitte, elegante, distincto e perfumado, como alcova nupcial, impregnada de ixonia brionia, tem a irradiação, a candura, o *tic* profundamente pathetico, a pratica religiosa e a lição moral, que nos accendem o sentimento fervoroso, a incomparavel vassallagem para todo um desabrochamento collossal de crenças, quando as viboras do cynismo se vão enroscando ao coração humano e matam n'elle lentamente as mais ferteis illusões.

É preciso ser Job para saber-se, como Thomaz Ribeiro, um espirito inventivo, organizar resistencia ao esboroamento de todas as felicidades, sem que d'essa derrocada não surja, sob a escuridão do soffrimento, o phantasma da descrença.

Deve ter soffrido muito o poeta, que hoje apresentamos em miniatura; os seus suspiros descobrem-lhe as tempestades da alma, a resignação, mesmo a candura.

O infinito do sentimento, que elle infiltra no rithmo, deixa adinhar-lhe o genio e os pensamentos que, o inspiram.

As flores e os passaros, os prados e as fontes, os amores e os canticos, as saudades e o patriotismo, a virtude e a familia, os perfumes e os zephyros, os beijos e os abraços, as tranças e os labios, tudo o que é bom e grande, como a alegria interior e o ecco da natureza, logram perfumar-lhe a atmospheria inspirativa, transparente, onde só ha pureza e sinceridade.

Um deslumbramento!

Parece que o poeta bebeu no seio do christianismo essa paixão febril do Oriente, irradiada da Asia por todo o orbe; a sua poesia idealisa, entristece e dôe como a flor cortada do caule viridente.

*A Delphina do Mal: D. Jayme, Vesperas e Sons que passam*, além de algumas comedias e poesias soltas, formam o repertorio poetico que todos lhe admiramos.

MANUEL FLORES.

## CORRESPONDENCIA

**A** GRADECEMOS AOS Nossos collegas da imprensa o favor que nos têm dispensado recommendando o nosso despretencioso semanario e enviando-nos os seus jornaes.

Aproveitamos a occasião de accusar e agradecer tambem a recepção do excellent journal artistico e litterario a *Gazeta Musical*, que entre

as publicações d'aquelle genero se torna distincta, não só pela belleza da impressão, como tambem pela selecção dos seus artigos e especialmente pela novidade dos trechos de musica que offerece aos seus assignantes.

Para firmar os creditos, de que já gosa a *Gazeta Musical*, basta dizer que é dirigida pela illustre professora madame Amann, nome vantajosamente conhecido no mundo artistico e respeitado entre nós, que lhe devemos aquelles magnificos concertos, que fizeram do Passeio Publico o *rendez-vous* da alta sociedade lisbonense.

## ALBUQUERQUE

### UM CONSELHO BEM ACATADO

Quando eu era pequenino,  
minha mãe me disse um dia.  
— Não vejo, filho, a alegria  
em teu rosto scintillar!  
Que fizeste dos teus risos  
das loucuras de creança,  
orgulho, jubilo, esperança  
do nosso modesto lar?  
Já não és meu amiguinho;  
já te custa dar-me um beijo;  
envergonhas-te, tens pejo,  
se um carinho eu te fizer!...  
— Minha mãe, respondi eu,  
Se meu pae inda hontem disse  
que o homem que se sentisse  
nunca beijava a mulher?!...  
— E a santa, na doçura d'um sorriso,  
dôces gozos mostrou no paraizo.

Lisboa.

JORGE SANDOVAL.

## POR UM BEIJO

### ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

(Continuado do numero antecedente)

XIII

#### As myosotes

**N**ÃO, minha senhora, respondi eu. Nada ha mais serio que a minha resolução.  
— O que! Pois deseja deveras morrer?  
— Desejo.  
— Pois nada o prende á vida?  
— Nada.  
— Nem o amor, nem uma saudade, nem uma esperança?

—Se no meu coração houvesse uma recordação, se no meu cerebro se balouçasse uma esperança, evidentemente eu não sentiria o tédio da vida e ficaria no mundo para recordar-me e para esperar.

Chegavamos n'este momento a Bale.

Eu offereci a mão á marqueza e ella saltou com rapidez para a gare.

—Eis o trem de D. Paco, disse-me ella, indicando-me um elegante caleche, que estacionava alli perto. Meu cunhado está alli com certeza...

—Consinta, marqueza, que a acompanhe até lá, disse eu, segurando-lhe o braço, que ella tratava de desprender do meu.

Atravessamos o pequeno intervallo, que nos separava da sala de espera. Quando estavamos perto a marqueza parou e disse-me em voz baixa:

—Prohibo-o de matar-se.—Prohibo-o, ouve-me bem? Não responde? O senhor disse-me, ha pouco, que para viver carecia de uma recordação e de uma esperança. Pois bem! Eu dou-lhe essa recordação e essa esperança. Ordeno-lhe que viva.

E deixando escorregar o seu braço pelo meu depoz-me na mão aberta um ramo de flores de amyosotis, que uma creança lhe tinha offerecido na gare de Mulhausen.

Fiquei assombrado e senti subir-me em ondas o sangue ao rosto. O peito pareceu-me pequeno para amparar as pulsações do coração.

—E a esperança? balbuciei eu.

A marqueza não me respondeu, deixou-me bruscamente e entrou na sala. Eu segui-a.

Um grave personagem, o mesmo que o senhor viu esta noite na opera, dirigiu-se para ella e beijou-lhe a mão.

A marqueza voltou-se para mim.

—Mylord, disse ella, tenho a honra de apresentar-lhe meu cunhado o duque de Sandoval.

E, em quanto eu me inclinava, ella innumerou os meus nomes, titulos e qualidades, a D. Paco, que se inclinou tambem.

—Este cavalheiro, continuou ella, apontando para mim, foi meu companheiro de viagem e devo-lhe tantas atensões, que nunca as poderei esquecer.

—Eu irei pessoalmente agradecer-lhas, disse D. Paco com frieza, e permita-me Vossa Graça que pergunte em que hotel vae alojar-se.

Em quanto o duque me fallava eu olhava para Regina e via-a contrair-se e empallidecer.

Voltei-me para D. Paco e respondi:

—Para o hotel dos Tres Reis.

—N'esse caso, mylord, amanhã o procurarei.

—Terei a honra de esperal-o, senhor duque.

D. Paco saudou-me gravemente e offereceu o braço á marqueza.

No momento, em que ella subia para o trem, cahiu-lhe o leque.

O duque abaixou-se para apanhal-o e ella disse-me vivamente:

—Parta hoje mesmo. Sou eu que o quero.

D. Paco deu-lhe o leque, saudou-me de novo, e o trem partiu a trote largo.

—Que significa isto?—perguntei a mim proprio, conservando-me immovel no mesmo lugar.

Depois meus olhos fixaram-se nas pequeninas flores azues, que eu tinha na mão esquerda.

Pois Tony perderia o seu tempo encomendando o fatal aparelho?—disse eu interrogando-me a mim mesmo. O meu coração parecia agitado por sensações nunca sentidas. A marqueza é realmente encantadora e bem feliz seria o homem que tivesse o direito de dizer-lhe ao ouvido palavras de amor, murmurava eu. Ella ordena-me que viva, ella dá-me uma recordação. Quanto á esperança, o meu pedido era destituido de senso commun, e uma mulher não podia attendel-o. Agora quer que eu parta hoje mesmo. Partir! E porque? Não posso pois tornar a vel-a n'esta cidade? Se eu ficar é para vel-a partir e segui-la. A questão é saber se a amo ou não. Ora n'este momento é me impossivel responder. Tenho cento e quinze dias deante de mim para reflectir e resolver o problema.

Raciocinando assim, dei ordem ao criado que me acompanhava de fazer conduzir as bagagens ao hotel dos tres Reis.

Eu nunca gostei de Bale, meu caro Roberto, mas a prohibição, que me fez a marqueza de demorar-me, inspirou-me o desejo de passar alli algum tempo. Eu não só desejava tornar a vel-a, como tambem conhecer a direcção que ella seguiria deixando a cidade. Além d'isso apparecia-me tão cercada de mysterios, que era necessario que eu os desvendasse. Para isso era preciso que eu possesse vigial-a.

Todo o dia estive mergulhado n'um verdadeiro oceano de estranhos pensamentos, cujo fluxo e refluxo me faziam a cada instante mudar de opinião.

Finalmente, depois de ter lançado o chumbo da sonda n'esse abysmo, a que se chama coração humano, sem conseguir determinar-lhe a pro-

fundidade, semelhante ao navio que se aventura a navegar n'um dedalo de syrthes, deixei-me arrastar pela corrente dos meus pensamentos entregando-me á mercê do oceano.

Eu tinha a certeza de encontrar, sempre que eu quizesse, o porto da morte e esse jogo de azar a que ia entregar-me, pareceu-me uma distracção agradável para os quatro mezes de espera, que tinha deante de mim.

## XIV

**As laranjas de Alicante e as laranjas de Malta**

No dia seguinte, ás oito horas da manhã, vieram annunciar-me a visita do duque de Sandoval.



JOVEN PRINCIPE DE SIAM

Tratei de vestir-me e não me demorei a apparecer na sala, muito mal mobilada, do hotel, á qual os creados davam o pomposo titulo de salão.

D. Paco eaperava-me de pé.

Eu apressei-me a fazer as honras da casa.

Depois dos cumprimentos do estylo:

— Mylord, disse-me elle, venho renovar os agradecimentos que lhe fez hontem a senhora de Sandoval. Parece que v. ex.\* foi para ella um companheiro de viagem tão galante, como bem educado, e, por não duvidar d'isso, é que me apressei a vir aqui. Talvez minha cunhada abusasse mesmo da extrema bondade de v. ex.\*, e n'esse caso, peço licença para apresentar em meu e no nome d'ella as nossas desculpas.

As palavras que acabava de pronunciar D. Paco, eram decerto muito delicadas, mas havia na sua pronuncia um não sei quê de ironico e motejador, que me obrigou a levantar brusca-mente a cabeça.

(Continúa.)

**PASSATEMPO****CHARADAS**

Tu me vês onde ha ladrões—1.

Vivo n'agua e em chão enchuto—1.

Marco á terra as dimensões—1.

Arvore, folha, flor e fructo  
tudo tem mil perfeições.

D. M. C. Q.

Entre muitas irmãs sou a primeira—1

E' primeira a segunda em gerarchia—2.

E o mesmo que a primeira é a terceira—1.

O todo é mineral, commum producto

Como é, por commum, dos mais valiosos

E onde mais e melhor se encontra sempre

É junto ao mar e aos rios caudalosos.

D. M. C. Q.

**CHARADAS NOVISSIMAS**

A primeira conduz esta ave—1—2.

A segunda é um animal liquido—1—2.

A terceira é um pronome no inferno—1—1.

A quarta é um estimulo que gera os vicios—1—2

A quinta é do jogo camarada—1—2.

**EXPLICAÇÃO DO PASSATEMPO DO N.º 24**

Enigma—*Pelas e obras e não pelo vestido é o homem conhecido.*

Pergunta enigmatica—*Passadeira.*

Charada em quadro—

Charadas novissimas—*Arpão—Desprezo—Solla—Doca—Cunhado.*